



Macroplan®
Prospectiva, Estratégia & Gestão

O Brasil e o Mundo na crise e pós-crise

Setembro de 2009

Claudio Porto

Rodrigo Ventura

Macroplan Prospectiva Estratégia & Gestão

Apresentação ¹

1

Em 2008 eclodiu a última crise econômica global. O Brasil, que vivia seu melhor momento econômico dos últimos 30 anos (crescimento médio de 4,7% ao ano entre 2003 e 2008), também foi afetado. O balanço geral dos indicadores hoje disponíveis indica que o país voltou a crescer e tem boas chances de acelerar este crescimento nos próximos trimestres.

O Brasil sofreu menos e saiu mais cedo da recessão por 3 motivos principais: (i) a solidez do setor financeiro, que evitou uma crise bancária e a redução do crédito; (ii) a força do mercado interno, que permitiu a compensação da queda da demanda externa pela sustentação da demanda doméstica; e (iii) a estratégia do governo para enfrentamento da crise (sustentação do consumo doméstico), que tem se mostrado eficaz, pelo menos a curto prazo. Outro fato muito relevante é a substancial melhoria da percepção dos investidores externos em relação ao país.

Para 2010, a maioria dos indicadores disponíveis e das expectativas de analistas e empresários converge para um crescimento entre 3,5% e 5,0% do PIB no próximo ano. E, ao que tudo indica, será mantida a atual estratégia do Governo Federal para a travessia da crise especialmente por se tratar de um ano eleitoral que torna menos provável a adoção de medidas antipopulares.

No entanto, esta estratégia também tem riscos e problemas, entre eles a pressão nos gastos de custeio permanentes, reduzindo ainda mais a margem de manobra para investimentos públicos. O sucesso ou o fracasso da continuidade desta estratégia dependerá, em grande parte, da evolução da economia mundial nos próximos anos. Diante deste contexto, no presente estudo a Macroplan apresenta dois cenários para a economia mundial (2010-2012) e dois para a economia brasileira (2011-2014), que delimitam as principais possibilidades de desdobramento do panorama econômico atual.

Embora o mundo estivesse em meio a uma crise, era chegada a hora de começar a olhar adiante em busca de possibilidades das diferentes configurações que o mundo e o Brasil poderiam assumir após esse período de turbulência e transição. É com esta motivação que a Macroplan iniciou um amplo estudo de tendências e cenários do Brasil e sua inserção no contexto global para os próximos 20 anos. As notas que se seguem neste documento representam um ensaio preliminar contendo as hipóteses e conjecturas que no momento orientam as primeiras pesquisas integrantes deste estudo.

Macroplan – Prospectiva, Estratégia & Gestão

Setembro de 2009

¹ O presente estudo foi destacado e comentado pelo jornalista Merval Pereira nas edições de 29/08/09 ("Brasil bem na foto"), 30/08/09 ("Cenários para o futuro presidente"), 05/09/09 ("Visões para 20 anos") e 06/09/09 ("Primeiro Mundo ou Retrocesso") do jornal O Globo.

Sumário

Parte I. Cenários Focalizados na Crise Econômica e seus Desdobramentos de Curto Prazo.....	3
1. Mundo e Brasil - Evolução Recente e Situação Atual	3
2. Brasil: Perspectivas para 2009-2010.....	8
3. Mundo: Cenários para 2009-2012.....	9
4. Brasil: Dois Cenários para 2011-2014	10
Parte II – Cenários Focalizados no Pós-Crise – Um Ensaio Preliminar.....	14
1. O Mundo Pós-Crise	14
2. O Brasil Pós-Crise	16
Cenário 1 – Em duas décadas o Brasil dá “Um Salto para o 1º Mundo”	25
Cenário 2 – “Um Emergente Retardatário”: o Brasil continua correndo atrás	26
Cenário 3 – “Mudança de Patamar”: bem perto do 1º mundo.....	27
Cenário 4 – “Crescimento Inercial”: a “baleia” volta a encalhar	27
Sobre a Sobre a Macroplan.....	30
Equipe.....	31

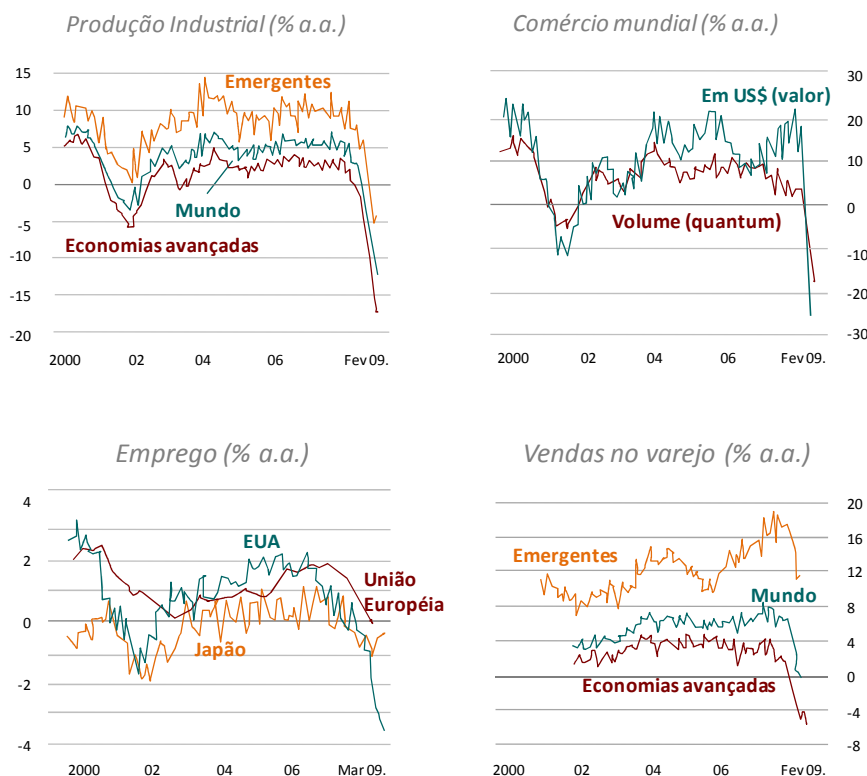
Parte I. Cenários Focalizados na Crise Econômica e seus Desdobramentos de Curto Prazo

1. Mundo e Brasil - Evolução Recente e Situação Atual

3

Em setembro de 2008 eclodiu a crise econômica global pela qual o mundo ainda atravessa. A maior desde a Grande Depressão de 1929 e que se espalhou com velocidade e intensidade surpreendentes, mesmo para os analistas mais pessimistas. Ante a iminência de uma catástrofe de enormes proporções, a resposta dos governos também foi de grande magnitude: os socorros e estímulos monetários e fiscais em escala global anunciados já ultrapassaram os US\$ 15 trilhões (montante equivalente a cerca de 25% do PIB global), dos quais US\$ 10 trilhões foram gastos até setembro de 2009. Como consequência, os primeiros sinais sugerem que os piores riscos econômicos já estariam sendo superados. A recuperação da economia mundial, embora lenta, parecia ser provável, embora o seu reequilíbrio estrutural ainda vá demorar muito. Esta é a opinião dominante entre os analistas econômicos.

- No 4º trimestre de 2008, observou-se queda de 6,25% no PIB global, 7,5% no PIB das economias desenvolvidas e 4% no PIB das economias emergentes (taxas anualizadas). O comércio mundial, após registrar crescimento médio de 20% a.a. entre 2004 e 2007, registrou contração de 27% no último trimestre de 2008 (taxa anualizada).
- A produção industrial no mundo registrou contração média de 10% a.a. entre outubro de 2008 e fevereiro de 2009, após quatro anos de expansão média de 5% anuais. Nas economias desenvolvidas, a queda ultrapassou 15% a.a., e nas economias emergentes o crescimento na indústria recuou de 10% a.a. para -5% a.a. no mesmo período.
- O FMI projeta que, em 2009, o PIB global sofrerá contração de 2,5%, após crescimento médio de 4% a.a. entre 2000 e 2008. As piores notícias virão das economias desenvolvidas, onde as projeções apontam forte contração no PIB nos EUA (-2,8%), Zona do Euro (-4,2%), Reino Unido (-4,1%) e Japão (-6,2%). Do lado dos BRICs, o FMI projeta desaceleração do crescimento de China e Índia (de um patamar de mais de 8% a.a. nos anos anteriores para, respectivamente, 6,5% e 4,5% em 2009) e contração no PIB do Brasil (-1,3%) e da Rússia (-6%).

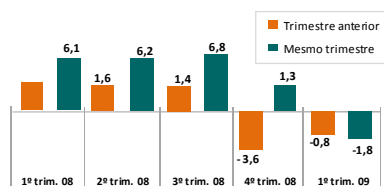


Fonte: World Economic Outlook/FMI (abr/2009)

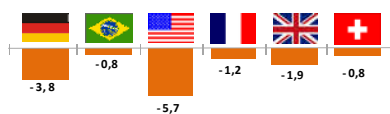
O Brasil, que em 2008 vivia seu melhor momento econômico dos últimos 30 anos (crescimento médio de 4,7% ao ano entre 2003 e 2008), também foi e continua sendo afetado pela crise:

- O PIB brasileiro caiu 0,8% no 1º trimestre de 2009. Em relação ao mesmo período do ano anterior, a queda foi de 1,8%. Os efeitos da crise sobre o lado real da economia brasileira também foram visíveis na indústria, nas finanças públicas, no mercado de trabalho e no consumo energético. A produção industrial caiu 13,4% no 1º semestre de 2009. A arrecadação federal acumula redução de 7% em julho de 2009. A geração líquida de empregos formais, que alçou a marca de 1,45 milhão de postos de trabalho em 2008, chegou a 438 mil até julho de 2009.

PIB trimestral (em var. %)

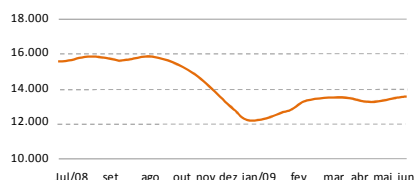


Fonte: IBGE, 2009

PIB 1º trimestre de 2009
(var. % em relação ao período anterior)

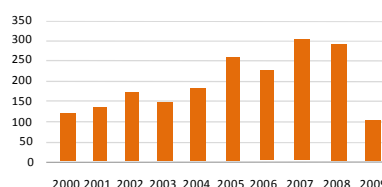
Fonte: IBGE, 2009

Consumo industrial de energia (em GWh)



Fonte: EPE, 2009

Criação de trabalho formal, em mil, nos meses de abril



Fonte: TEM, 2009

E como o Brasil vem enfrentando a crise? Após um **período** inicial hesitante, o Governo Federal começou a operar uma **estratégia de enfrentamento da crise** que tem como foco a **sustentação do consumo doméstico, em especial o consumo de massa**. Para o alcance deste objetivo, os formuladores de política econômica lançaram mão de ferramentas tradicionais de incentivo à demanda agregada: afrouxamento monetário, oferta de linhas de crédito, política fiscal expansionista e redução de impostos. Abaixo, alguns fatos e dados:

- No **campo monetário**, o Banco Central reduziu a taxa básica de juros Selic (de 13% a.a. para 8,75% a.a. entre setembro de 2008 e julho de 2009) e diminuiu o depósito compulsório. Em 2008, o Brasil ocupava a 5ª posição do ranking das economias com as maiores taxas reais de juros (4,7% a.a.), atrás de China, Hungria, Tailândia e Argentina.
- Estímulo a investimentos privados, motivados pela **expansão das operações de crédito dos bancos públicos** (crescimento do volume de empréstimos de quase 30% entre agosto de 2008 e junho de 2009 contra 7,5% dos bancos privados) e ampliação das linhas de crédito em dólares do Banco Central para setores exportadores.
- **Atuação no mercado cambial**, com operações de manejo das reservas internacionais de mais de US\$ 200 bilhões acumuladas nos períodos anteriores à crise, minimizando oscilações abruptas na taxa de câmbio que, no entanto, exibiam trajetória clara de apreciação.²

² A médio e longo prazos, o desejável é que as exportações brasileiras sejam competitivas a qualquer taxa de câmbio em regime flutuante, o que confere caráter estratégico a medidas orientadas à redução do chamado Custo-Brasil e ao aumento da eficiência

- **Renúncias fiscais** para setores ou produtos específicos, como automóveis, materiais de construção civil, motocicletas, bens de capital e “linha branca”. Na área de habitação, lançamento de programa “Minha Casa Minha Vida”, um programa muito bem concebido, mas que só deve começar a produzir efeitos a partir de 2010.
- Expansão **dos investimentos das empresas estatais, especialmente da Petrobras (previsão de US\$ 112,4 bilhões entre 2008 e 2012)** e tentativa de intensificar o esforço do PAC (R\$ 598 bilhões até 2010, incluídos os investimentos Petrobras). No primeiro semestre de 2009 os investimentos das estatais federais foram de R\$ 29,7 bilhões, um incremento de quase 48% em relação aos valores observados em igual período em 2008, com destaque para a Petrobras que despendeu 26,7 bilhões)
- No que se refere ao PAC, cabe destacar que este programa, lançado no início de 2007 (mais de um ano antes da eclosão da crise) e reunindo investimentos públicos (governamentais e estatais) da ordem de R\$ 646 bilhões, encerrou o ano de 2008 tendo gasto apenas 27,3% do total planejado para o período. Em 2008, o montante liberado pelo programa representou apenas 18% dos recursos autorizados no orçamento.
- No **campo fiscal, a política brasileira é marcadamente expansionista** ao longo de 2009. O **aumento de despesas governamentais da União no 1º semestre de 2009 chegou a R\$ 36 bilhões na comparação com 2008, com forte ênfase nas despesas de pessoal e custeio**. Deste montante, apenas R\$ 1,3 bilhão se refere a aumento de gastos com investimentos. Já as despesas de pessoal subiram R\$ 10,5 bilhões, e as demais despesas correntes, R\$ 24,3 bilhões. Comparativamente à folha de 2009, a continuidade dos reajustes provocará impacto de R\$ 11,25 bilhões no Orçamento de 2010.
 - Os gastos com investimentos passaram de R\$ 9,9 bilhões no primeiro semestre de 2008 para R\$ 11,2 bilhões no mesmo período de 2009, com aumento real de 13%. Em percentual do PIB, o montante passou de 0,67% para 0,77%. Os gastos com pessoal pularam de R\$ 69,7 bilhões (4,7% do PIB) para R\$ 80,2 bilhões (5,5% do PIB), na comparação dos dois períodos. E as demais despesas correntes passaram de R\$ 221,4 bilhões (15,0% do PIB) para R\$ 325,9 bilhões (16,9% do PIB).

da economia brasileira. A curto prazo, entretanto, oscilações bruscas devem ser evitadas em virtude de seu efeito colateral desestabilizador para algumas indústrias. Dentre as compensações temporárias que poderiam ser colocadas em prática para conter esse efeito, destacam-se a cobrança de IOF nas aplicações em renda fixa e ações e a elevação dos depósitos de margem para operação no mercado futuro de câmbio, ambas defendidas pelo economista Luiz Gonzaga Belluzzo. (Valor Econômico, 21/08/09)

- **Vários Governos Estaduais adotaram medidas anti-cíclicas** destacando-se, entre eles, os de São Paulo, Espírito Santo, Minas Gerais e Distrito Federal.³
- **Do lado do setor privado, contudo, a crise reduziu lucros e travou investimentos.**
 - No 4º trimestre de 2008 e no 1º deste ano, a Formação Bruta Capital Fixo (FBKF) recuou mais de 20%.
 - As PPPs federais ficaram no papel e as estaduais andam em ritmo muito lento (em Minas Gerais, a MG-50 e o complexo penitenciário; em Pernambuco, uma estrada com 6,5 Km), pois ainda faltam projetos e garantias ao investidor. A Vale anunciou redução de 40% nos investimentos programados para 2009.
 - **O setor exportador, especialmente o de *commodities*, perdeu espaço na economia** em função da apreciação do real, da queda de preços no mercado externo e também de gargalos internos que reduzem a competitividade do País (por exemplo: em 2009, cerca de 30% do valor da saca da soja produzida no Mato Grosso fica no custo de transporte).

Como o Brasil e a China enfrentaram a crise

	BRASIL	CHINA
Foco	• Sustentar o consumo doméstico (consumo de massa)	• Impulsionar a demanda agregada interna (investimentos e consumo) • Fomentar exportações (<i>quantum</i> e valor)
Instrumentos	• Política monetária expansionista: redução da taxa básica de juros (Selic) e diminuição do compulsório. Forte expansão das operações do BNDES, Banco do Brasil e Caixa Econômica • Flutuação administrada do câmbio, com uso das reservas internacionais • Aumentos dos gastos governamentais da União: R\$ 36 bilhões em 2009 • Custeio e pessoal: R\$ 34,7 bilhões • Investimentos: R\$ 1,3 bilhões • Manutenção dos investimentos da Petrobras (US\$ 112,4 bilhões entre 2008 e 2012) e do esforço do PAC (R\$ 598 bilhões até 2010) • PAC: execução de 27% do total planejado entre 2007 e 2008. • Lançamento do programa “Minha Casa Minha Vida” • Estímulo a investimentos privados (especialmente via crédito) • Redução de impostos para automóveis, bens de consumo duráveis e habitação	• Pesados investimentos governamentais em projetos de infraestrutura e PD&I (pacote econômico de US\$ 586 bilhões) • Incentivo ao consumo (pacote de US\$ 4,4 bilhões em subsídios à compra de automóveis e bens de consumo duráveis) • Redução dos juros • Manutenção do câmbio desvalorizado (câmbio fixo)

Fonte: Macroplan – Prospectiva, Estratégia & Gestão (2009)

³ Merval Pereira – Gestão anti-crise – O Globo 10/04/09

O balanço geral dos indicadores do primeiro semestre de 2009 indica que o Brasil voltou a crescer e tem boas chances de acelerar este crescimento nos próximos trimestres. O Brasil sofreu menos e saiu mais cedo da recessão por 3 motivos principais: (i) a solidez do setor financeiro, que evitou uma crise bancária e a redução do crédito; (ii) a força do mercado interno, que permitiu a compensação da queda da demanda externa pela sustentação da demanda doméstica; e (iii) a estratégia do governo para enfrentamento da crise (sustentação do consumo doméstico), que se mostrou eficaz, pelo menos a curto prazo.

Outro fato muito **relevante** foi a **substancial melhoria da percepção dos investidores externos em relação ao país**:

- *“O Brasil (...) se consolidou como o de menor prêmio de risco entre os países mais negociados. O risco-Brasil está 19,6% abaixo do que era antes de estourar a fase mais aguda da crise, em 15 de setembro (...) e a despeito de todos os problemas e desafios, o Brasil é percebido como mais disciplinado e previsível, diz Octavio de Barros, diretor do Departamento de Economia do Bradesco”.*⁴

2. Brasil: Perspectivas para 2009-2010

Para **2010**, a maioria dos **indicadores** disponíveis e das expectativas de analistas e empresários converge para um **crescimento entre 3,5% e 5.0% do PIB**. E, ao que tudo indica, **será mantida a atual estratégia do Governo Federal para a travessia da crise** especialmente por se tratar de um ano eleitoral que torna menos provável a adoção de medidas antipopulares.

No entanto, **esta estratégia também tem riscos e problemas, entre eles a pressão nos gastos de custeio permanentes**, a qual pode reduzir a margem de manobra para investimentos públicos (na área de transportes, por exemplo, investíamos 1,8% do PIB em 1970; em 2009 investimos 0,5%). A manutenção da trajetória de expansão dos gastos permanentes limita o campo de atuação da política fiscal e pode comprometer o crescimento econômico do País no futuro. Em um cenário de **degradação** fiscal, é maior a chance dos juros terem de voltar a subir e da carga tributária permanecer elevada. Estes aspectos contribuem para a redução da competitividade sistêmica do Brasil e a subsequente redução do seu produto potencial. **O sucesso ou o fracasso da continuidade desta estratégia dependerá, em grande parte, da evolução da economia mundial nos próximos anos.**

⁴ “Risco-Brasil fica entre os menores”, Valor Econômico, 24/08/2009, p.C1.

3. Mundo: Cenários para 2009-2012

Apesar das múltiplas incertezas dominantes, é possível antecipar alguns desdobramentos da crise econômica a **médio** prazo. O principal deles é sintetizado por Martin Wolf⁵: “o capitalismo sobreviverá mas sem o esplendor, a glória e a abundância desta última década”. No contexto internacional, **o que é certo ou quase certo no horizonte 2009-2012 é antecipado a seguir:**

- desaceleração do comércio internacional e redução do fluxo de capitais ao redor do mundo;
- redução do consumo e aumento da poupança nos EUA;
- risco de deflação nas economias desenvolvidas, podendo inibir o processo de recuperação econômica;
- aumento da regulação sobre o sistema financeiro internacional;
- forte aumento da dívida pública como proporção do PIB, reduzindo o espaço para a política fiscal. O impacto fiscal desta crise será tão oneroso quanto o de uma guerra de grande escala;
- maior aversão ao risco; e
- aumento da demanda por ativos reais de baixo risco, o que pode trazer benefícios para o Brasil, que se destaca como uma fronteira de oportunidades de investimentos de menor risco, em especial na área de infraestrutura.

Mas muitas incertezas ainda subsistem e a principal delas refere-se aos desdobramentos e à duração da recessão mundial. Neste campo, a principal incerteza quanto à evolução da crise econômica mundial pode resultar em dois estados possíveis em um eixo contínuo delimitado por dois extremos: Superação eficaz (formato U) e Dupla recessão (formato W).



Superação eficaz – formato U (o mais provável no 3º trimestre de 2009 ⁶): após forte desaceleração, os principais mercados se recuperam, os problemas no setor financeiro são

⁵ Colunista chefe de economia do Financial Times e autor do livro “A Reconstrução do Sistema Financeiro Global”, Ed. Campus, 2008.

⁶ “U, V or W for recovery” (The Economist, 24/08/09)

progressivamente equacionados e a economia mundial experimenta retomada lenta, mas sustentada (ainda longe, no entanto, das taxas de crescimento pré-crise). Neste contexto, observa-se descolamento incremental dos emergentes, com crescimento da China, Índia e Brasil impulsionado pelos seus mercados internos. Entre 2009 e 2012, o PIB mundial cresce, em média, entre 1,5% a 2% ao ano em uma trajetória de aceleração.⁷

Dupla recessão – formato W: a recuperação dos principais mercados não é sustentável⁸. Após a primeira onda de estímulos monetários e financeiros, os problemas no sistema financeiro voltam a se agravar, surgem novas ‘bolhas’ e a economia mundial entra em novo declínio⁹. Sucessivas quedas nos preços dos ativos se somam a perdas nos balanços patrimoniais, gerando nova onda de falências. A recessão mundial retorna, desta vez com substancial desaceleração dos emergentes. Entre 2009 e 2012, o PIB mundial registraria taxa média de variação negativa, da ordem de -0,5% a.a.

4. Brasil: Dois Cenários para 2011-2014

Supondo que o cenário mais provável para o Brasil até 2010 é o de uma gradual aceleração do crescimento econômico e de continuidade, com algumas adaptações, da atual estratégia do Governo para a travessia da crise econômica mundial, pode-se configurar dois cenários polares para a economia brasileira no horizonte 2011-2014:



No cenário de ajustes estruturais, a combinação das ameaças e oportunidades decorrentes da crise econômica mundial e dos resultados das eleições de 2010 impulsiona **um novo ciclo de mudanças econômicas** que envolve a combinação de:

- Medidas anticíclicas orientadas à mitigação de riscos de curto prazo e à sustentabilidade do crescimento no médio prazo, predominantemente por meio de:
 - investimentos públicos de grande porte e elevado poder multiplicador, com bom potencial de impacto na competitividade (investimentos para superação de gargalos de infraestrutura e mobilidade urbana, por exemplo);

⁷ Esta faixa se situa dentro das previsões mais recentes do FMI para o crescimento da economia mundial até 2014 (FMI: World Economic Outlook, maio, 2009).

⁸ Em artigo publicado no Financial Times em 23 de agosto passado, Nouriel Roubini afirma que a saída estratégica dos incentivos monetários e perda de fôlego da folga fiscal poderiam afetar a recuperação das economias e jogá-las novamente para a recessão e deflação.

⁹ Esta hipótese é explorada por Yoshiaki Nakano no artigo “Qual o formato da recuperação?”, Valor Econômico de 25/08/09, p. A15

- forte incentivo aos investimentos privados por meio de financiamentos e garantias de crédito;
 - desonerações fiscais horizontais (exemplo: redução de encargos nas folhas de pagamentos) e bônus fiscais (ex: abonos salariais) temporários; e
 - redução agressiva dos juros e forte contenção das despesas públicas de custeio.
- Retomada da agenda de reformas econômicas (tributária, previdenciária e trabalhista), de melhoria da gestão pública (desburocratização e fortalecimento dos marcos regulatórios e das agências reguladoras), renovação da agenda ambiental (maior proatividade e ênfase na exploração econômica das oportunidades associadas à sustentabilidade ambiental).
 - Atração de empreendedores privados nacionais e estrangeiros para investimentos em grandes projetos, como os de expansão da infraestrutura logística (portos, aeroportos, ferrovias, rodovias e hidrovias), energética (hidrelétricas, petróleo, gás e renováveis) e urbana (transporte de massa, habitação, urbanização e despoluição).

Neste primeiro cenário, o setor privado é o principal 'motor' do crescimento econômico.

Já o **cenário de adaptações incrementais pressupõe a continuidade, com ajustes eventuais, da estratégia de travessia da crise**, o que implica a combinação dos seguintes elementos:

- Medidas anticíclicas capazes de produzir efeitos mais imediatos, mitigando riscos econômicos (e políticos) de curto prazo, predominantemente por meio de:
 - expansão das despesas públicas correntes em caráter temporário ou permanente (especialmente transferências de renda, custeio, despesas de pessoal e aposentadorias) que são de mais fácil execução que os investimentos públicos e têm impactos imediatos na renda e no consumo;
 - desonerações fiscais setoriais para estimular o consumo e/ou investimentos
- *Estímulo à expansão do consumo doméstico.*
- *Avanços incrementais na agenda de reformas econômicas (tributária, previdenciária e trabalhista), do Estado e gestão ambiental com ênfase na mitigação de problemas ou na recuperação de passivos.*

- *Melhorias localizadas no desempenho da gestão pública, especialmente nas áreas de educação e saúde, mantida a baixa capacidade de execução dos investimentos públicos diretos.*
- *Ampliação da presença do Estado na economia especialmente por meio das empresas estatais.*
- *Atração de empreendedores privados nacionais e estrangeiros para investimentos em grandes projetos, predominantemente em parceria com empresas estatais.*

Neste segundo cenário, o Estado (incluindo suas empresas) é o principal ‘motor’ do crescimento econômico.

Como já foi destacado, **a possibilidade de cada um desses cenários depende de dois fatores principais: a evolução da crise econômica mundial e os resultados das eleições de 2010.** O sucesso do cenário de adaptações incrementais está condicionado a um eventual desfecho mais rápido da crise mundial (superação em formato de U), onde se verificaria uma retomada mais rápida (e gradual) do crescimento econômico. Já uma dupla recessão externa (formato de W) torna insustentável este cenário de adaptações incrementais e, neste contexto, seria alta a probabilidade do Brasil também voltar a uma situação de crise.

Por outro lado, o cenário de ajustes estruturais pode levar a taxas de crescimento econômico inicialmente mais baixas, mas reduz a vulnerabilidade do País ao prolongamento da crise mundial.

A plausibilidade de cada um dos dois cenários depende tanto da evolução do processo econômico como das coalizões políticas resultantes das eleições de 2010. Com a entrada em cena da candidatura de Marina Silva à presidência da república, e a possível emergência de outras candidaturas (Ciro Gomes, por exemplo), o mais provável é que os cenários econômicos do Brasil não resultem tão polarizados como acima descritos. Mas, **ao que tudo indica, a nossa economia evoluirá entre esses dois pólos, sendo por enquanto muito reduzida a probabilidade do Brasil aventurar-se numa trajetória nacionalista-populista semelhante à de outros países da América do Sul.**

Por fim, cabe destacar que a combinação do cenário doméstico de ajustes estruturais com uma superação eficaz da crise mundial (formato de U) representaria o primeiro passo da construção de uma estratégia consistente de crescimento econômico sustentado. Sua manutenção sob uma perspectiva de longo prazo pode levar o Brasil a uma mudança de

patamar ou, no caso do ambiente internacional evoluir favoravelmente, até mesmo ao ingresso do País no seleto grupo das economias avançadas, em um horizonte de 20 anos.¹⁰

¹⁰ Esta possibilidade ilustra o primeiro passo de uma trajetória semelhante à percorrida pela Coreia do Sul nos últimos 40 anos. Em 1969, o PIB per capita brasileiro era o dobro do coreano. Em 2009, o PIB per capita coreano é quase o dobro do PIB per capita brasileiro, fruto de quatro décadas de fortes reformas e investimentos orientados à educação, desenvolvimento tecnológico e industrial.

Parte II – Cenários Focalizados no Pós-Crise – Um Ensaio Preliminar¹¹

1. O Mundo Pós-Crise

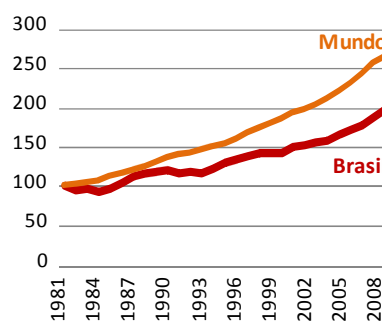
Entre 1910 e 1974, o Brasil foi o país que experimentou a maior taxa de crescimento econômico do mundo (média de 7% a.a.). Nas décadas de 80 e 90, este crescimento declinou substancialmente e o País passou a registrar taxas médias de crescimento econômico inferiores à média mundial. A partir de 2005, o Brasil voltou a expandir as taxas de crescimento (taxa média de variação de PIB de 4,5% a.a. entre 2005 e 2008). Em 2009, no campo econômico as questões que se colocam são as seguintes: (1) a atual crise mundial abortará o crescimento econômico brasileiro? e (2) **o Brasil consolidará ou não uma trajetória de**

crescimento sustentado e em patamares elevados nas próximas duas décadas? Numa perspectiva de longo prazo essas incertezas se subdividem em duas complementares, uma externa e outra interna ao País:

- **externamente**, a incerteza se refere à configuração da economia mundial que emergirá no pós-crise; e
- **internamente**, a incerteza está relacionada ao grau de enfrentamento que será dado pelos atores econômicos, políticos e sociais do País aos gargalos estruturais que inibem o seu desenvolvimento econômico sustentado.

Embora o mundo econômico e financeiro ainda esteja em meio a uma crise, pode-se começar a olhar adiante em busca de possibilidades das diferentes configurações que a economia mundial poderá assumir após esse período de turbulência e transição. **Como a economia global e o sistema financeiro internacional que a suporta emergirão da atual crise econômica?** A resposta a esta pergunta depende da evolução das variáveis associadas às seguintes incertezas mais específicas:

Crescimento Econômico Acumulado
entre 1980 e 2008 - Brasil x Mundo
(Índice 1980 = 100)

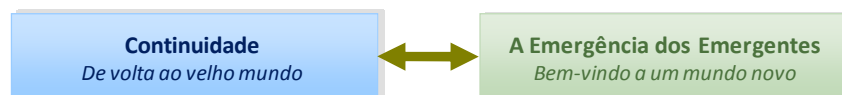


Fonte: Banco Mundial (2009)

¹¹ A Macroplan iniciou em 2009 um amplo estudo de tendências e cenários do Brasil e sua inserção no contexto global para os próximos 20 anos. Este estudo prospectivo, incluindo quantificações e regionalizações, estará concluído no 1º trimestre de 2010. As notas que se seguem representam um ensaio preliminar contendo as hipóteses e conjecturas que no momento orientam as primeiras pesquisas integrantes deste estudo.

- Como evoluirão os **desequilíbrios macroeconômicos globais**? O aumento da poupança nos países deficitários será compensado pela intensificação da demanda agregada nas economias superavitárias?
- Qual será a **arquitetura predominante do sistema financeiro internacional**? Haverá uma reforma regulatória significativa?
- Até que ponto os elevados níveis de endividamento e de redução no patrimônio líquido gerarão maior **propensão a poupar nas famílias mais afetadas nos EUA**? Como evoluirão os níveis de confiança e de percepção de risco dos agentes privados?
- Conseguirão os governos administrar seus **monumentais déficits públicos**, recolocando-os em trajetória sustentável? Quando os mercados vão exigir maior remuneração pelo risco desses déficits? Os bancos centrais conseguirão gerar uma saída não inflacionária?
- Com os investimentos limitados o aumento da **produtividade** (eficiência econômica) será suficiente para sustentar o crescimento econômico potencial nas principais economias desenvolvidas?
- Como será a **governança global** no pós-crise?

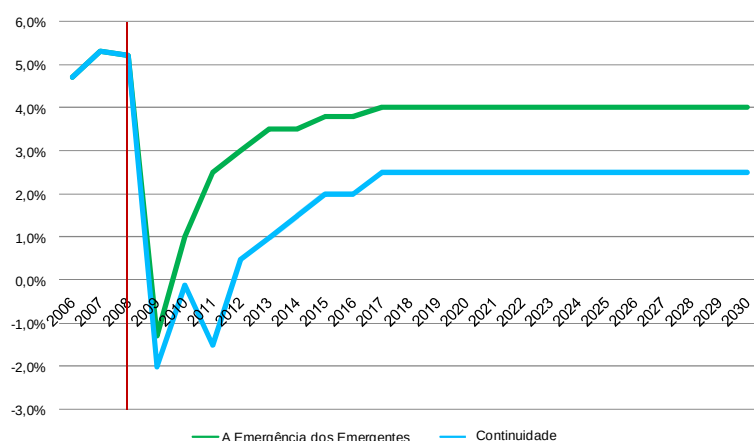
A partir da combinação de diferentes respostas para essas incertezas, a maioria dos analistas visualiza **dois cenários para o mundo pós-crise**:



Continuidade (de volta ao velho mundo): Os graves desequilíbrios globais persistem mas são mantidos em níveis ‘administráveis’. Em resposta a tais desequilíbrios, o mundo experimenta um gradual aumento do protecionismo e do controle de capitais, com efeitos negativos sobre o comércio mundial, o fluxo de capitais e a eficiência econômica. A regulamentação das finanças ocorre parcialmente, e as políticas monetárias agressivas propiciam o surgimento de novas bolhas e ativos de risco no rastro da disseminação de novas e arriscadas inovações financeiras. Mesmo assim, por inércia o dólar continua como moeda de referência nas transações mundiais. A perda de produtividade, o protecionismo mais visível e a manutenção de incertezas e riscos inibem uma recuperação econômica sustentável (crescimento médio de 2,5% a.a. entre 2010 e 2030, num padrão “*stop and go*”). As questões ambientais ganham peso de forma incremental e continuam sendo tratadas predominantemente como restrição ao crescimento econômico e com medidas de mitigação e compensação.

A Emergência dos Emergentes (o surgimento de um mundo novo): Os graves desequilíbrios globais são gradualmente equacionados a partir do aumento da poupança nos EUA e na União Européia e do incremento da demanda interna no Japão e nos países emergentes. Paralelamente, o mundo vivencia a recuperação do fluxo de capitais e das transações comerciais. É realizada uma profunda reforma regulatória das finanças, o que possibilita a recuperação da confiança dos agentes no setor financeiro. O predomínio das inovações tecnológicas e produtivas estimula o aumento da produtividade, compensando a retração dos investimentos que acontece nos anos iniciais da recuperação econômica. Há um maior protagonismo dos emergentes que não se restringe à esfera econômica e se expande à política e à governança global. O dólar é progressivamente substituído por uma cesta de moedas nas transações internacionais. Neste cenário, ganha destaque e grande crescimento a chamada “economia limpa” que passa a ser um vetor de desenvolvimento de negócios com crescente relevância econômica.

PIB Mundial (variação % do PIB)



Fonte: Macroplan – Prospectiva, Estratégia & Gestão (2009)

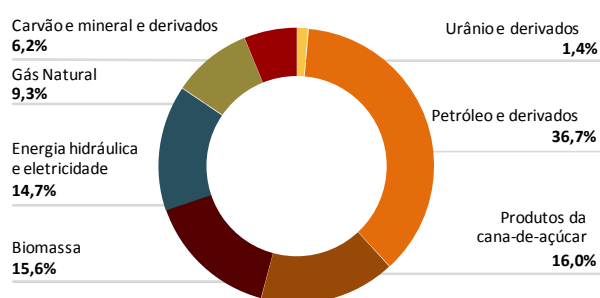
2. O Brasil Pós-Crise

O futuro do Brasil sob uma perspectiva de longo prazo está condicionado à evolução de alguns fatores estruturais que poderão impulsionar ou inibir o seu desenvolvimento sustentado nas próximas décadas. No caso dos fatores impulsionadores, não se deve esquecer que o Brasil possui condições estruturais que lhe asseguram **diferenciais competitivos** de grande potencial em âmbito mundial neste início do século XXI:

- **Diversidade e abundância de fontes de energia, inclusive renováveis.** A combinação das recentes e grandes descobertas de petróleo (inclusive na camada pré-sal) e uma posição de liderança em biocombustíveis faz o Brasil emergir como uma das maiores potências energéticas do mundo. Em 2008, o Brasil produziu, em média, 2 milhões de

barris/dia e as previsões mais conservadoras para 2015 apontam que alcançaremos uma produção de 3,5 a 4 milhões de barris/dia. O Brasil em 2008 tinha reservas provadas de 14 bilhões de barris de petróleo (em 1969, eram de 1,1 bilhão), o que coloca o País na 16ª posição no ranking mundial dos países com maiores reservas da *commodity*. Com as reservas do pré-sal já licitadas nos campos de Tupi, Iara e Parque das Baleias (29% de toda a área do pré-sal), a reserva nacional pode saltar para 30 bilhões de barris na próxima década. Em termos de energia hidroelétrica, o Brasil possui potencial de geração de 258.410 Megawatts, dos quais pouco mais de 28% são explorados.

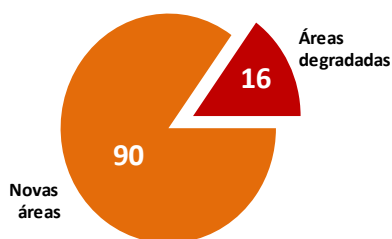
Matriz Energética Brasileira - 2007



Fonte: EPE (2007)

- **Disponibilidade de água e solos agricultáveis.** O Brasil possui a maior disponibilidade hídrica do planeta (10% da vazão média mundial está nos rios brasileiros) e dispõe de 106 milhões de hectares de terras agricultáveis não utilizadas (área correspondente à soma dos territórios de França e Espanha).

*Áreas disponíveis para agropecuária
(em milhões de hectares)*



*Uso e disponibilidade da terra –
EUA x Brasil*

	Estados Unidos	Brasil
Plantio de grãos	140 milhões de hectares	40 milhões de hectares
Pastagens	320 milhões de hectares	220 milhões de hectares
Áreas disponíveis para agropecuária	0	106 milhões de hectares

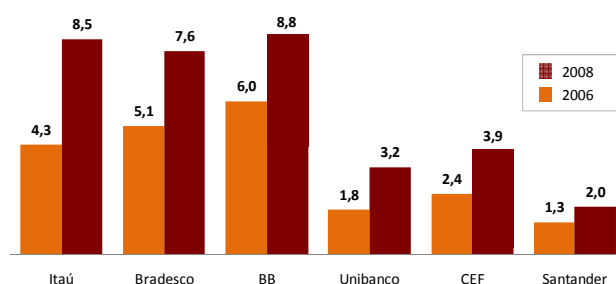
Fonte: Revista Veja edição 1843 (2004)

- **Mercado nacional integrado e de grande escala, com segmentos econômicos mundialmente competitivos.** Alguns setores da indústria nacional, como a agroindústria e a siderurgia, apresentam elevada produtividade e baixo custo unitário de seus produtos, o que os torna competitivos em qualquer parte do mundo.

- o Maior exportador mundial de **café, açúcar, carne bovina** e de **frango**
- o 2º produtor mundial de **jatos regionais**
- o 2º maior exportador de **soja**
- o 2º maior produtor de **pisos e azulejos**
- o 3º maior mercado de **cosméticos** e **celulares** do mundo
- o 5º maior parque de **computadores** e 8º maior mercado de **automóveis** do mundo

- **Solidez e elevado desempenho do sistema financeiro nacional.** O Brasil possui um sistema bancário sólido, bem regulado e reconhecido como um dos mais eficientes do mundo.

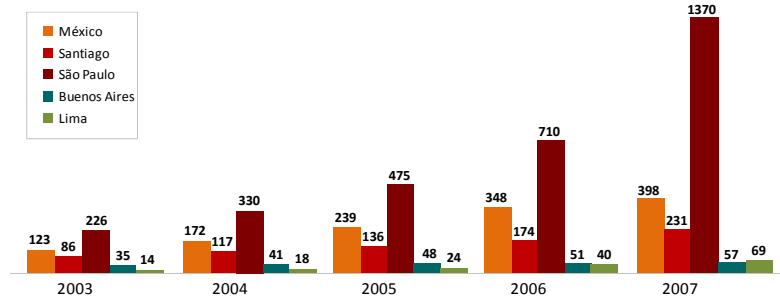
*Lucro líquido dos principais bancos atuantes no Brasil
(em bilhões de reais)*



Fonte: FSP (2008)

- **Dimensão e dinamismo do mercado interno**, que constitui um dos principais direcionadores do crescimento econômico brasileiro. Fruto da melhora do nível de escolaridade da população, do rápido crescimento do crédito e do processo de formalização da economia, **o Brasil hoje já é visto como um “país de classe média”**. Em 2008, famílias com renda entre R\$ 1.064 e R\$ 4.561 representam 52% da população brasileira (em 2002 esta participação era de 44%).
- **Pujança do mercado acionário brasileiro**, que vem registrando importância crescente no processo de capitalização das atividades produtivas, com posição de destaque regional. Em 2007, pela primeira vez, o estoque de debêntures em circulação no mercado financeiro superou o volume total de empréstimos do BNDES.

Capitalização das ações em bolsas (em US\$ bilhões)

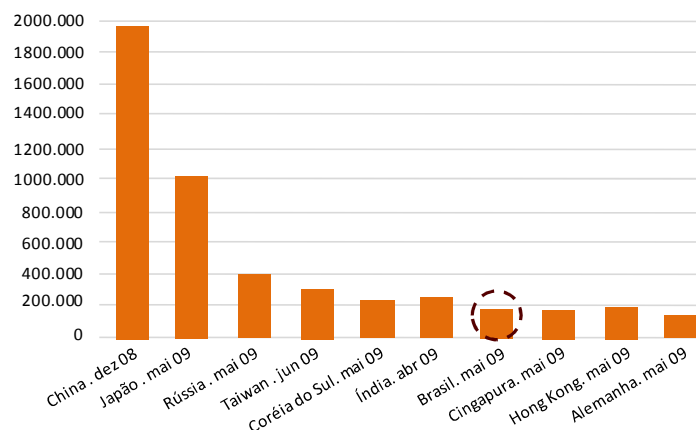


19

Fonte: Federação Mundial de Bolsas de Valores – Ibovespa (2008) APUD Corporativo 20 (2º trim./2008)

- **Acúmulo de reservas internacionais.** O Brasil ocupa a 7ª posição no ranking de países com maior volume de reservas internacionais (cerca de US\$ 210 bilhões) um ativo estratégico em períodos de crise.

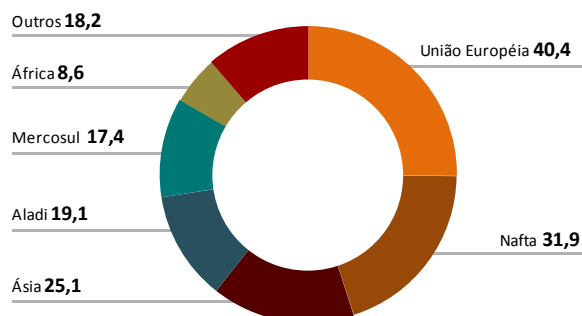
As maiores reservas do mundo



Fonte: Banco Central (2009)

- **Diversificação de mercados.** A ampliação das vendas para mercados pouco tradicionais é um importante ativo estratégico em tempos de crise, por consistir em uma forma de reduzir o impacto negativo de crises internacionais sobre as exportações brasileiras. Os oito principais destinos (países) das exportações brasileiras respondem, atualmente, por 48% do volume exportado em 2008. Na década de 90, o mesmo grupo respondia por 65% do total vendido.

Principais destinos das exportações brasileiras (em bilhões de US\$)



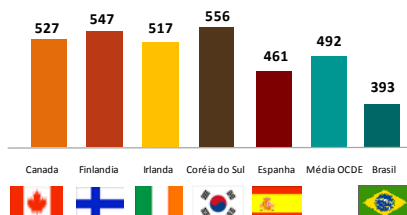
Fonte: MDIC (2008)

- Após 20 anos de eleições diretas para Presidente da República e estabilidade institucional, o Brasil é uma **democracia consolidada**, onde os valores democráticos se renovam a cada voto.

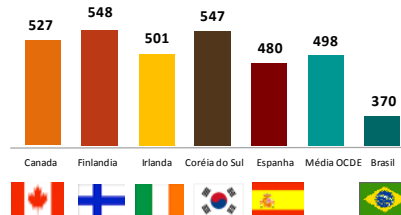
Apesar dos recentes avanços em algumas áreas, cabe lembrar que o Brasil possui gargalos estruturais que, se não forem equacionados ou significativamente minimizados, irão prejudicar o seu crescimento em futuro próximo independentemente da evolução do cenário externo:

Baixo nível de escolaridade e de capacitação da população, influenciando negativamente a produtividade da força de trabalho. Os resultados do teste Pisa, em 2006, com estudantes de 15 anos, indicam que o Brasil está abaixo da faixa de 400 pontos e é o antepenúltimo colocado entre 44 países.

Proficiência em leitura – PISA 2006



Proficiência em matemática – PISA 2006

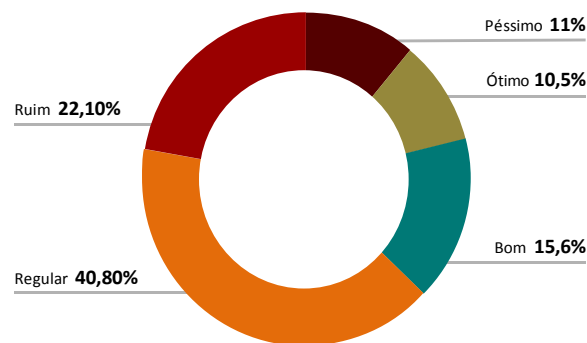


Fonte: OCDE

- **Violência urbana.** Em 2006, o Brasil era o 4º país com maior taxa de homicídios entre 84 países (somente inferior à Colômbia, Rússia e Venezuela). No mesmo ano, os 560 municípios mais violentos (10% do total de municípios) concentravam 71,8% do total de homicídios e 42% da população brasileira. Nesses municípios, a taxa média era de 102 homicídios por 100 mil habitantes.

- **Gargalos na infraestrutura logística**, contribuindo para a degradação dos modais de transporte e limitações de oferta de geração e distribuição de energia. Dados de 2008 da Confederação Nacional dos Transportes (CNT) apontam que um terço das rodovias brasileiras apresenta condição ruim ou péssima. As deficiências em transportes custaram R\$ 271 bi (11,7% do PIB) para as empresas em 2006. Entre 2005 e 2006 o tempo médio de espera de navios para atracar em portos aumentou 78% (18 dias é o tempo médio de demora de exportação do produto brasileiro em *contêineres*, saindo do Porto de Santos; em Hong Kong, a média é 5 dias).

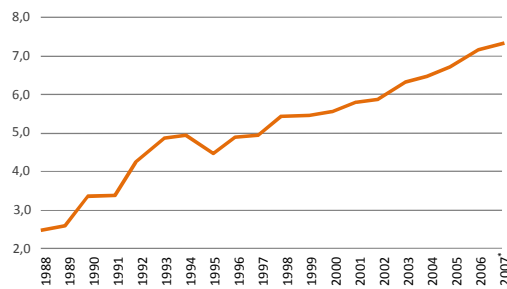
Condições das rodovias no Brasil (2007)



Fonte: CNT (2008)

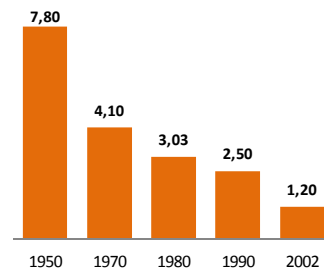
- **Carga tributária elevada, sistema tributário distorcido e má qualidade do gasto público.** Entre 2002 e 2008, as despesas correntes do governo federal saltaram de R\$ 339 bilhões para R\$ 692 bilhões (crescimento de 104%). No mesmo período, o crescimento nominal do PIB foi de 78% e o da receita corrente foi de 96%. Com isso, a carga tributária se ampliou de 32,6% para 36,5% do PIB (crescimento de 11%), o que a coloca entre as mais elevadas do mundo, comparando-se apenas à dos Estados de Bem-Estar Social do norte europeu (na faixa de 40%).
- **Déficit da previdência e pressões crescentes sobre o sistema previdenciário.** A relação contribuinte/ beneficiário caiu de 2,5, em 1990, para 1,2 em 2002 e, com o envelhecimento da população e mantido o atual modelo previdenciário, esta relação tende a cair ainda mais.

*Gastos anuais do INSS 1988-2007
(% do PIB)*



Fonte: Giambiagi (2007)

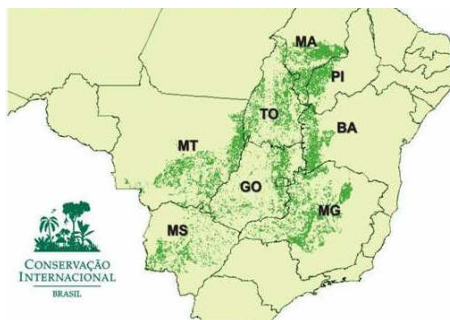
*Relação contribuinte/beneficiário do
sistema previdenciário (1950-2002)*



Fonte: Rossetti (2002)

- **Excesso de burocracia**, prejudicando o ambiente de negócios e inibindo o empreendedorismo. Segundo a pesquisa “Doing Business 2010”, publicado em 2009 pelo Banco Mundial, o Brasil ocupa a 129ª posição no ranking geral de facilidade em realizar negócios (que integra um total de 183 países). No País são necessários 18 procedimentos para a abertura de uma empresa, o dobro de Cingapura, por exemplo, que ocupa o topo do ranking.
- **Elevada pressão antrópica**. Atividades econômicas em larga escala e falta de regulação e fiscalização adequadas têm aumentado drasticamente a taxa de desmatamento da Amazônia. De 2003 a 2007, quase 100 mil km² foram destruídos de Floresta Amazônica equivalente a quase um Pernambuco inteiro. Além disso, há pressões crescentes sobre os recursos hídricos, em especial nos grandes centros urbanos.

*Principais remanescentes de
vegetação nativa de Cerrado em 2002*



Fonte: CI-Brasil

Poluição dos recursos hídricos

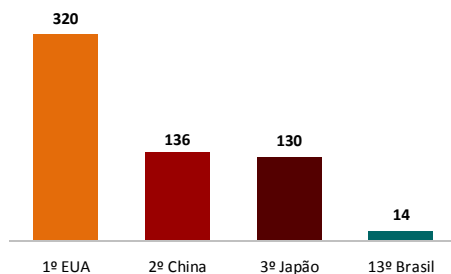


Fonte: IBGE *apud* MMA – Panorama e estado dos recursos hídricos no Brasil

- **Baixo desempenho dos investimentos em PD&I, com crescente distanciamento dos líderes mundiais**. O Brasil ocupa apenas o 40º lugar no ranking de inovação do INSEAD. A taxa média de crescimento anual dos investimentos em C&T entre 2000 e 2005 foi de 20% na China; de 8% na Rússia; 7% na Índia e de apenas 3% no Brasil. Em 2005, o Brasil investiu US\$ 14 bilhões em C&T, valor muito pequeno quando

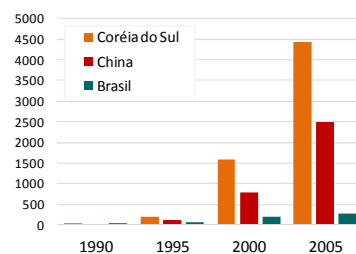
comparado a EUA (US\$ 320 bilhões), China (US\$ 136 bilhões) e Japão (US\$ 130 bilhões).

Recursos Investidos em C&T (US\$ bilhões de 2005)



Fonte: MCT (2007)

Pedidos de patentes solicitadas na OMPI



Fonte: OMPI

- **Degradação do sistema de representação política** no Brasil, que é visível em alguns fenômenos, como a profusão de pequenos partidos políticos sem qualquer compromisso programático e movidos pelo fisiologismo; elevada fragmentação partidária (os 4 partidos com maior bancada na Câmara dos Deputados, PMDB, PT, DEM e PSDB reúnem 60% dos parlamentares; os 40% restantes encontram-se distribuídos em 17 partidos); patrimonialismo e nepotismo; e baixa confiabilidade da sociedade em relação ao sistema de representação política¹².

As principais **potencialidades** e os grandes **gargalos** da economia brasileira são sintetizados a seguir.

¹² Pesquisa realizada em 2008 pela Associação dos Magistrados Brasileiros (AMB) aponta que as três instituições com menor grau de confiança da sociedade são os partidos políticos, com 22% de confiança, a Câmara dos Deputados, com 24% e as Câmaras de Vereadores, com 26%. Entre as instituições dotadas de maior confiança perante a população, destacam-se as Forças Armadas (79%), a Igreja Católica (72%) e a Polícia Federal (70%).

Potencialidades	Gargalos
Diversidade e abundância de fontes de energia , inclusive renováveis	Baixo nível de escolaridade e de capacitação da população
Disponibilidade de água e solos agricultáveis	Violência urbana
Mercado nacional integrado e de grande escala, com segmentos econômicos mundialmente competitivos	Gargalos na infraestrutura
Solidez e elevado desempenho do sistema financeiro nacional	Carga tributária elevada, sistema tributário distorcido e má qualidade do gasto público
Dimensão e dinamismo do mercado interno	Déficit da previdência e pressões crescentes sobre o sistema previdenciário
Pujança do mercado acionário	Excesso de burocracia
Acúmulo de reservas internacionais	Elevada pressão antrópica
Diversificação de mercados	Baixo desempenho em pesquisa, desenvolvimento e inovação (PD&I) , com elevado distanciamento dos líderes mundiais
Democracia consolidada	Degradação do sistema de representação política

Para a Macroplan, a trajetória do Brasil sob uma perspectiva de longo prazo está condicionada à evolução dos cenários externos, ao efetivo aproveitamento de nossas potencialidades e, sobretudo, do equacionamento dos gargalos destacados. Acrescente-se a isso incertezas relacionadas aos desdobramentos da questão fiscal e à inserção internacional do País no período 2012-2030. Assim, entre as principais incertezas de longo prazo da economia brasileira destacam-se as seguintes:

- Com que intensidade o Brasil enfrentará os **gargalos estruturais** ao seu desenvolvimento sustentado nos próximos 10 a 20 anos?
- Como o Brasil lidará com a **questão fiscal** neste horizonte?

- Como se dará a **inserção internacional** do Brasil neste mesmo período de tempo?

Em face dessas incertezas domésticas e tendo em vista as diferentes possibilidades de evolução do mundo no pós- crise, pode-se desenhar **quatro cenários econômicos para o Brasil no horizonte 2012-2030**:

Quatro Cenários Econômicos para o Brasil Focalizados no Pós-Crise 2012-2030

		Intensidade de enfrentamento aos gargalos estruturais ao desenvolvimento sustentado	
		Alta	Baixa
Ambiente econômico mundial e pós- crise	A Emergência dos Emergentes	1. Salto para o 1º Mundo A travessia para o crescimento sustentado	2. Um Emergente Retardatário Perdendo espaço em um mundo de oportunidades
	Continuidade	3. Mudança de Patamar Prosperidade à vista	4. Crescimento Inercial O desperdício das melhores oportunidades

Fonte: Macroplan – Prospectiva, Estratégia & Gestão (2009)

Cenário 1 – Em duas décadas o Brasil dá “Um Salto para o 1º Mundo”

Em um contexto mundial de múltiplas oportunidades para os países emergentes, o enfrentamento continuado aos principais gargalos estruturais do Brasil por parte do Estado, da sociedade e do setor privado, notadamente no campo da educação e da inovação, possibilita à economia brasileira entrar, definitivamente, em uma trajetória de crescimento sustentado, mantendo elevada taxa de expansão média do PIB (entre 4% e 6% a.a.). A eliminação de tais entraves passa a fazer parte do núcleo de uma agenda estratégica nacional, que é fruto tanto de um consenso entre os principais grupos políticos e econômicos quanto da crescente exigência da sociedade para a superação definitiva destes problemas. O contínuo enfrentamento dos gargalos ao desenvolvimento torna-se um sólido valor social. Na década 2011-2020, o Brasil se torna um imenso e variado “canteiro de obras”.

Consolida-se no País um ambiente próspero e favorável ao desenvolvimento dos negócios e à atração de investimentos estrangeiros (a participação brasileira no fluxo global de capitais é alçada para 7,5% em 2030, frente a uma participação de apenas 1,9% em 2008). Soma-se a isso o revigoramento das instituições e a adoção de novas formas de gestão pública, o que torna possível uma contínua melhora da qualidade do gasto e dos serviços públicos (em especial nas áreas de saúde, educação e segurança). O parque produtivo

brasileiro passa por um intenso processo de inovação tecnológica, o que permite ao Brasil inserir-se de forma competitiva na economia global. A área energética é alvo de elevado volume de investimentos públicos e privados que, por sua vez, não se restringem aos segmentos mais dinâmicos de petróleo, hidroeletricidade e biocombustíveis, mas também alavancam a produção de energia eólica e solar no Brasil. O Estado brasileiro mantém presença marcante no setor, destacando-se tanto como planejador da expansão quanto como empreendedor e financiador de novos projetos.

Na esfera ambiental, os avanços no campo da gestão e novos estímulos econômicos alavancam negócios relacionados à “economia limpa” de modo que a questão ambiental deixa de ser vista como entrave ao desenvolvimento econômico. Neste cenário, em 2030, o PIB per capita do País alcança os US\$ 25 mil (em PPC), equivalente ao da Itália em 2008.¹³

Cenário 2 – “Um Emergente Retardatário”: o Brasil continua correndo atrás

O Brasil desperdiça a maior parte das oportunidades que o contexto mundial volta a oferecer após a recuperação da grave crise econômica que marcou a virada da primeira década do século XXI. À exceção da educação, que experimenta saltos de qualidade, a ausência de um amplo pacto em prol de reformas estruturais modernizadoras da economia contribui para a manutenção de graves entraves ao desenvolvimento nacional. Assim, a economia brasileira perde competitividade frente a outros grandes emergentes, em especial China e Índia, que trilham trajetória semelhante à empreendida pela Coreia do Sul nos últimos 30 anos do século XX (a participação brasileira no fluxo global de capitais cai para 1,7% em 2030, frente a uma participação de 1,9% em 2008).

O Brasil em 2030 é um país dual. De um lado, reúne um setor privado dinâmico, inovador e empreendedor, e regiões altamente competitivas, que contribuem para que o crescimento econômico do País se estabilize em patamar mediano (oscilando entre 3% e 4% a.a. até 2030). Do outro, um setor público pesado e ineficiente e regiões mais atrasadas que impedem ou dificultam melhorias substanciais no ambiente de negócios e nos indicadores sociais – que experimentam evolução positiva, porém moderada. Em 2030, as grandes áreas metropolitanas ainda convivem com graves problemas, sobretudo nas áreas de infraestrutura, segurança e emprego e o Brasil ainda acumula relevantes passivos ambientais. Na área energética, apesar da presença marcante do Estado como planejador da expansão e empreendedor e financiador de novos projetos, os investimentos limitam-se aos segmentos mais dinâmicos, como petróleo e geração de energia hidroelétrica. Neste cenário, em 2030, o PIB per capita do País alcança os US\$ 17 mil (em PPC), próximo ao de Porto Rico em 2008.

¹³ Em 2008, o Brasil registrava PIB per capita de US\$ 10,1 mil, equivalente ao da África do Sul no mesmo ano.

Cenário 3 – “Mudança de Patamar”: bem perto do 1º mundo

Apesar do moderado dinamismo e de crises cíclicas que caracterizam o contexto mundial no período, o enfrentamento continuado aos principais gargalos estruturais do desenvolvimento possibilita à economia brasileira experimentar uma mudança de patamar. Após registrar taxa média de variação do PIB moderada entre 2010 e 2020 (entre 2,5% e 4% a.a.), o Brasil consolida trajetória de crescimento sustentado após 2020, acima de 5% a.a.

O Brasil se diferencia positivamente no cenário mundial em decorrência da construção de um ambiente estável e favorável ao desenvolvimento dos negócios e à atração de investimentos estrangeiros que se sustenta, em grande parte, no dinamismo de seu mercado interno (a participação brasileira no fluxo global de capitais é alçada para 6,5% em 2030, frente a uma participação de apenas 1,9% em 2008). A educação dá saltos de qualidade. Soma-se a isso uma contínua melhora da qualidade do gasto e dos serviços públicos, impactando positivamente os índices de qualidade de vida e de desenvolvimento regional. O parque produtivo brasileiro passa por um processo de inovação tecnológica, o que permite ao Brasil inserir-se de forma competitiva em alguns nichos da economia global (apesar da proliferação de medidas protecionistas em vários países). A área energética é alvo de elevado volume de investimentos, sobretudo nos segmentos mais dinâmicos de petróleo, hidroeletricidade e biocombustíveis. O Estado brasileiro mantém presença marcante no setor, destacando-se tanto como planejador da expansão quanto como empreendedor e financiador de novos projetos.

Os avanços no campo da gestão ambiental faz progredir a “economia limpa” que multiplica oportunidades de negócios e de geração de renda e trabalho. Neste cenário, em 2030, o PIB per capita do País alcança os US\$ 18,5 mil (em PPC), equivalente ao da Coreia do Sul em 2008.

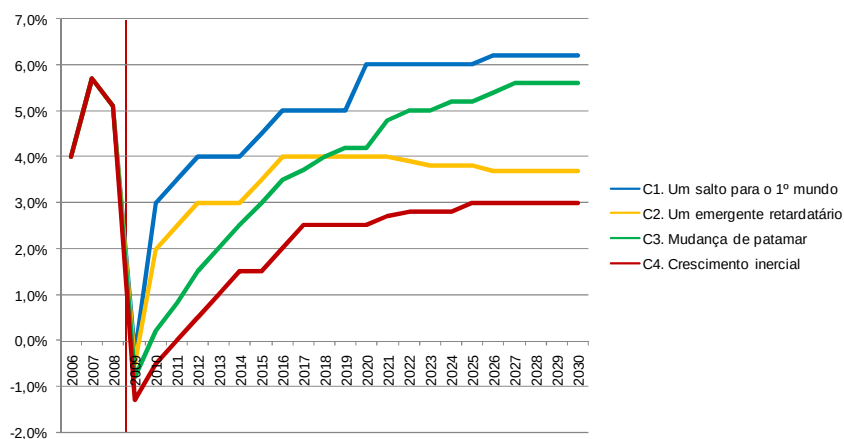
Cenário 4 – “Crescimento Inercial”: a “baleia” volta a encalhar

A persistência de graves entraves ao desenvolvimento nacional aborta a trajetória de aceleração do crescimento econômico registrada nos primeiros anos do século XXI, até a eclosão da crise mundial. Como resultado, o crescimento econômico brasileiro até 2030 volta a cair, situando-se entre 1% e 3% anuais. O Brasil volta a ser percebido como uma “baleia encalhada” e repete o mesmo padrão de crescimento do PIB observado nas décadas de 80 e 90. O País é prejudicado ainda por dificuldades políticas e institucionais, caracterizadas pela deterioração do sistema de representação política e pela gestão pública de eficácia limitada. As melhorias no ambiente de negócios ocorrem apenas setorialmente e de maneira lenta, sem que consigam garantir aos investidores nacionais e estrangeiros grandes estímulos ao desenvolvimento de negócios (a participação brasileira

no fluxo global de capitais cai para 1,3% em 2030, frente a uma participação de 1,9% em 2008).

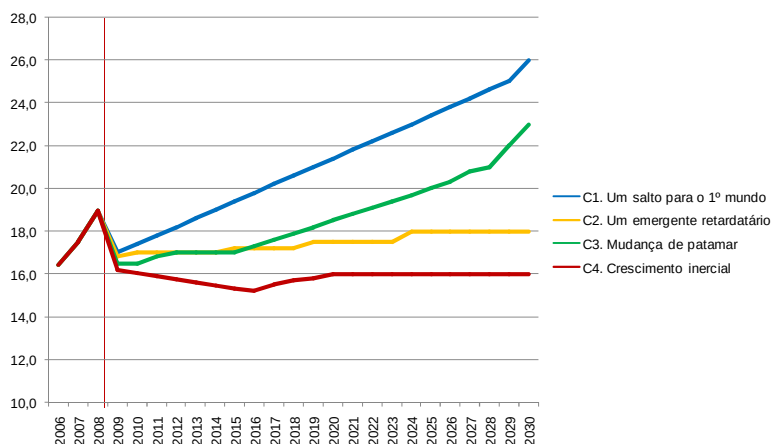
As reformas no sistema de educação e ciência, tecnologia e inovação são executadas de maneira restrita, fazendo com que o parque produtivo brasileiro mantenha baixo grau de inovação e inserção internacional competitiva restrita a alguns nichos. Na área energética, apesar da presença marcante do Estado como planejador da expansão e empreendedor e financiador de novos projetos, a capacidade de investimentos é limitada e se restringe aos segmentos mais dinâmicos, como petróleo e geração de energia hidrelétrica. No campo social, os indicadores de qualidade de vida apresentam evolução inercial e as grandes áreas metropolitanas convivem com graves problemas, sobretudo nas áreas de infraestrutura, segurança, emprego e meio ambiente. Neste cenário, em 2030, o PIB per capita do País alcança os US\$ 13 mil (em PPC), equivalente ao do Chile em 2008.

PIB Brasil (variação % anual)



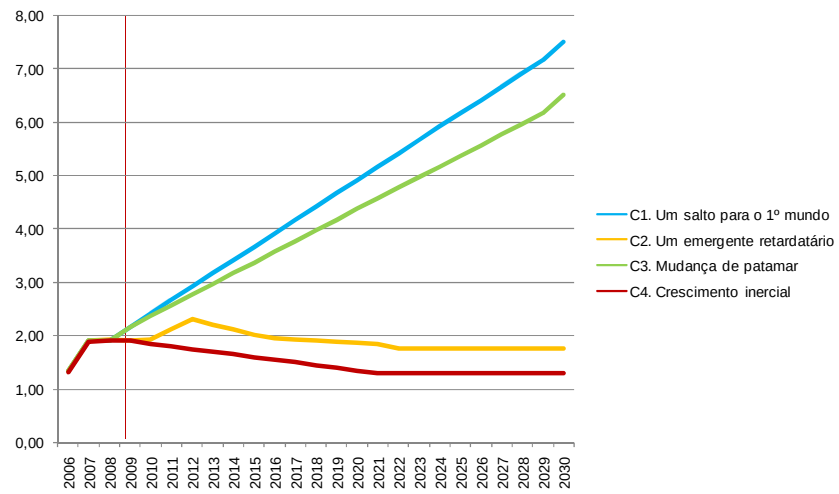
Fonte: Macroplan – Prospectiva, Estratégia & Gestão (2009)

Brasil: Taxa de Investimento (% do PIB)



Fonte: Macroplan – Prospectiva, Estratégia & Gestão (2009)

Brasil: Investimento Estrangeiro direto (% do fluxo mundial de capitais)



Fonte: Macroplan – Prospectiva, Estratégia & Gestão (2009)

Sobre a Macroplan

A **Macroplan Prospectiva Estratégia & Gestão** é uma das mais experientes empresas brasileiras de consultoria em cenários prospectivos, administração estratégica e gestão orientada para resultados.

30

Com sedes no Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília, a Macroplan oferece aos seus clientes um trabalho personalizado, diferenciado e inovador, que alia uma experiência de 20 anos de atuação à capacidade de desenvolver e implantar soluções de sucesso compatíveis com a realidade de cada cliente.

A Macroplan se diferencia trabalhando “sob medida”, em um estilo de atuação que alia discrição, criatividade e muita dedicação, buscando alternativas mais eficazes que atendam às necessidades do cliente.

Acumulando mais de 270 mil horas de trabalho, a Macroplan já desenvolveu mais de 250 projetos de consultoria para grandes e médias empresas, instituições governamentais e entidades educacionais e tecnológicas.

Com uma equipe composta por mais de 40 profissionais de formação multidisciplinar e uma ampla rede de consultores associados, todos com sólida experiência nas áreas de atuação da consultora, a empresa agrega competências que a qualificam para atuar com proficiência tanto no setor privado, como em instituições públicas.

Equipe

Elaboração

Claudio Porto

Rodrigo Ventura

Comunicação Visual

Luiza Raj

Mariana Bahiense

Revisão e Atualização

Ariel Machado

RIO DE JANEIRO

Rua Visconde de Pirajá, 351 - Sala 718
Ed. Fórum de Ipanema
Ipanema - Rio de Janeiro/RJ
Cep: 22410-003
Fone/fax: (21) 2287-3293
e-mail: macroplan@macroplan.com.br

SÃO PAULO

Alameda Santos, 905 - Conjunto 112
Ed. Santos Dumont
Cerqueira César - São Paulo/SP
Cep: 01419-001
Fone/fax: (11) 3285-5634
e-mail: macroplansp@macroplan.com.br

BRASÍLIA

SCN, Quadra 01 - Bloco C, Sala 908
Ed. Brasília Trade Center
Asa Norte - Brasília/DF
Cep: 70.711-902
Fone: (61) 3328-6504
Fax: (61) 3328-7446
e-mail: macroplandf@macroplan.com.br

ESPÍRITO SANTO

AV. Nossa Senhora dos Navegantes, 451 - Sala 1301
Ed. Petro Tower
Enseada do Suá - Vitória/ES
Cep: 29.050-335
Fone/fax: (27) 2123-1412
e-mail: macroplanes@macroplan.com.br